

# Prática coral a partir de propostas da obra *Kinder-Musik* de Boris Porena: experimentos em sala de aula

## Comunicação

*Emerson Pereira Tineo*  
*Etec de Artes de São Paulo*  
*eptineo@gmail.com*

**Resumo:** O presente relato de experiência pretende expor o processo de realização de propostas extraídas do livro *Kinder-Musik* do músico italiano Boris Porena (1972). As atividades foram aplicadas com turmas do primeiro módulo do curso técnico em regência da Etec de Artes, do Centro Paula Souza em São Paulo, dentro do componente curricular Prática Coral I. Dentre as propostas do educador italiano, buscamos colher aquelas que pudessem dialogar com o componente curricular em questão, associando conteúdos, habilidades e competências. Autores de referência nos apoiam ao discutirmos conceitos que envolvem a organização e estruturação do ensaio coral, a mediação do professor e a atuação docente frente ao currículo estabelecido.

**Palavras-chave:** canto coral; regência coral; repertório coral.

## Introdução

A atividade coral, para que aconteça de maneira ampla e efetiva, deve abranger não apenas a experiência de cantar em conjunto, de “levantar” um repertório, mas ir além da repetição e reprodução de obras ou arranjos. Considerando o meio coral de grupos amadores ou mesmo estudantis, muitas vezes a performance ganha tamanha importância e em muitos casos se torna o objetivo único. Nesse sentido, temos um ambiente de formação e constituição das habilidades musicais fundadas em grande parte na vivência estética, relacionada à apresentação pública, o palco como finalidade. No entanto o percurso até ele pode não ser tão didático.

Como seria então um ensaio coral que pudesse ampliar as perspectivas, atendendo a formação musical, experiência estética e o prazer do canto coletivo? Hilary Apfelstadt (2015) elenca seis princípios para um ensaio efetivo, sendo eles: estrutura, sequência, estratégias claras, estratégias apropriadas, desenvolvimento de habilidades musicais e incentivo.

Ao estabelecer tais pontos a autora se dirige a regentes e estudantes de regência, que buscam fazer seus ensaios melhores e mais completos. Pretende lembrar ao regente o que deve levar em conta enquanto educador e liderança musical, estando atento ao grupo que se apresenta à sua frente, sobretudo aos elementos que deve considerar durante o trajeto de seu preparo antes do ensaio ou aula.

A experimentação a ser descrita neste artigo parte do que foi trazido no parágrafo anterior, relata sua realização em um contexto de formação de regentes corais em uma escola técnica. Nesse espaço de formação o canto coral deve ser apresentado como uma importante ferramenta de aprendizado musical, os estímulos devem vir nessa perspectiva, pois em grande parte, as concepções, vivências e resultados experimentados nesse ambiente muitas vezes acabam sendo replicados, viram referência e modelo por parte dos estudantes. Dessa forma, o papel e responsabilidades do educador é imenso. Enquanto educador nas classes de regência coral e prática coral, tenho buscado ampliar a gama de materiais e possibilidades, a fim de atender um público de alunos vasto e com muitas expectativas e experiências.

A obra *Kinder-Musik* (música para crianças), do músico italiano Boris Porena (1972) foi a base para a estruturação do projeto aqui apresentado. Nesse material o autor expõe uma coletânea de propostas musicais pensadas para instrumentos ou voz, especialmente com foco no procedimento lúdico. São poucas as orientações a respeito da realização das atividades, no entanto, o material é extenso e dividido por tópicos, apresentando níveis de dificuldade e contingentes de execução muito variados. Ainda assim, algo é evidenciado pelo autor, para ele “o professor é a chave para a aplicação de suas ideias”, neste sentido o estímulo ou encorajamento citado anteriormente não é apenas ao grupo, mas também ao regente educador.

A ideia de mediação defendida por Porena aponta para a necessidade de formação específica do professor de música, só assim, capaz de assumir a responsabilidade a ele conferida por Porena: de co-autor, capaz de responder pela execução do projeto (FONTERRADA, 2008, p. 192).

Durante as aulas de prática coral pudemos experimentar de maneira efetiva, extremamente vívida, real e concreta, algumas das propostas existentes na obra *Kinder-*

*Musik*. Analisando e verificando a aplicabilidade nos mais diversos contextos corais, “mensurando” possíveis níveis de dificuldade ou complexidade de cada atividade levada ao grupo, além de propor atualizações do material deslocando para nossa realidade, integrando variações quando possível na realização.

Ao atentarmos para alguns dos tópicos relacionados inicialmente, como por exemplo o ambiente estimulante e desenvolvimento de habilidades musicais, elencados por Apfelstadt (2015), devemos considerar o espaço pedagógico como essencial ao proporcionar as múltiplas relações entre alunos, professores, e materiais que cercam esse processo. Sendo assim, entendemos que é possível entrelaçar os princípios de organização do trabalho do regente coral com uma postura e abordagem exigidos ao se lidar com um material como aquele elaborado por Boris Porena.

Acreditarmos que a atividade coral necessita se cercar da perspectiva pedagógica, que a provocação à criação deve acontecer nesse local, onde as bases do ensino artístico pode e deve ser o ambiente, enfatizamos o que o professor Koellreutter indica

Um ambiente que possa acender no aluno a chama da conquista de novos terrenos do saber e de novos valores da conduta humana. O princípio desse ambiente, é o espírito criador. O espírito que sempre se renova, que sempre rejuvenesce e nunca se detém (KOELLREUTTER, 1997, p 53).

## **Circunstâncias da experimentação**

A obra propõe uma gama variada de exercícios, atividades e roteiros que necessitam em sua origem de formações ou agrupamentos distintos, sendo esses instrumentais, vocais ou voco-instrumentais, com uso de tecnologias, etc. Nosso recorte foi feito a partir de propostas que se mostraram essencialmente vocais, possíveis de serem operadas principalmente com turmas de canto coral. Dentre as presentes, relacionamos o “Interlúdio I”, do qual separamos as letras A (*seis exercícios para a progressiva conquista do espaço harmônico - para vozes e instrumentos*) - números 1 e 5; e C (*dez exercícios polirrítmicos*) - números 1, 3 e 4.

Para a realização dos exercícios tive a colaboração de uma de minhas turmas de regência da Etec de Artes, em São Paulo. Essa escola técnica foi criada a partir de 2008 e

se apresenta como um importante espaço para a democratização e acesso ao ensino de música na cidade de São Paulo. Atualmente a escola oferece os seguintes cursos técnicos: Canto, Dança, Design de Interiores, Eventos, Regência, Teatro, Paisagismo e Processos Fotográficos. Está estabelecida no Parque da Juventude e localizada no mesmo espaço onde durante anos funcionou a Casa de detenção de São Paulo, o Carandiru em Santana, zona norte de São Paulo. No Carandiru havia diversos pavilhões dos quais foram preservados dois, os de número 4 e 7, o último que após as devidas adequações e reformas hoje abriga a Etec de Artes.

O componente onde aconteceu a aplicação da proposta foi Prática Coral I, **quadro 1** - competências, habilidades e bases tecnológicas do componente prática coral I - plano do curso técnico em regência componente curricular presente na grade do primeiro módulo do curso. A rotina dessa nessa aula conta com dois encontros semanais de 1h40, durante o período noturno. A turma tinha

<b>I.2 – PRÁTICA CORAL I</b>						
<b>Função: Execução Musical</b>						
<b>COMPETÊNCIAS</b>		<b>HABILIDADES</b>		<b>BASES TECNOLÓGICAS</b>		
1. Experimentar a condução da prática vocal coletiva.		1. Utilizar os fundamentos da regência na experimentação da prática vocal coletiva.		1. Fundamentos da regência		
2. Pesquisar possibilidades sonoras por meio da improvisação vocal e corporal.		2.1. Investigar diferentes sonoridades produzidas pelo corpo e pela voz, individualmente e em grupo. 2.2. Improvisar vocalmente aprimorando a escuta, a observação e a presença consciente. 2.3. Estabelecer uma relação lúdica com o outro, com os sons e com o movimento corporal.		2. Improvisação vocal com base em diferentes parâmetros sonoros como: <ul style="list-style-type: none"> <li>• ritmo,</li> <li>• melodia,</li> <li>• dinâmica,</li> <li>• timbre;</li> </ul>		
3. Desenvolver conexões entre os elementos da linguagem musical escrita à sua execução vocal em grupo.		3. Desenvolver a leitura musical por meio de repertório coral.		3. Repertório coral: <ul style="list-style-type: none"> <li>• cânones;</li> <li>• duas vozes;</li> <li>• três vozes;</li> </ul>		
<b>Carga Horária (Horas-aula)</b>						
<b>Teórica</b>	00	<b>Prática</b>	100	<b>Total</b>	<b>100 Horas-aula</b>	<b>Prática em Laboratório</b>
<b>Teórica (2,5)</b>	00	<b>Prática (2,5)</b>	100	<b>Total (2,5)</b>	<b>100 Horas-aula</b>	

fonte: plano de curso, 2014

naquele momento em torno de 30 alunos, número máximo permitido para ingresso neste curso. O perfil dos participantes era bastante variado indo de alunos que estavam cursando o 2.º ano do ensino médio até profissionais de variadas áreas (alguns com nível superior completo em música, mas em áreas diferentes da regência, como licenciatura, musicoterapia, por exemplo). A faixa etária deste grupo era, no momento de realização da proposta, de 16 a 45 anos.

## **A obra e sua utilização - Rotina das Aulas**

O componente curricular Prática Coral tem um plano de curso que privilegia a variedade de repertório, predominando a execução de cânones enquanto textura a ser exercitada, além da grande ênfase ao estímulo da expressão vocal, especialmente para aqueles que nunca participaram de um grupo coral. A rotina de trabalho, busca contemplar a prática coral com certa amplitude, com vivências voltadas ao corpo, voz, leitura e execução. Cada educador da escola estabelece uma abordagem, o que resulta em um variado contato com a atividade. No entanto os ordenamentos do plano de curso indicam o que deve ser realizado durante o semestre, ele é a guia, mas de maneira alguma um limitador dentro desse processo.

A justificativa para selecionarmos esse componente se deu em essência por trazer uma abertura em relação a experimentação, criação e investigação nesse universo do canto coral. Essas características são inclusive descritas nas competências e habilidades elencadas no plano de curso. Dessa maneira acreditamos que os exercícios da obra de Porena podem agregar e contemplar aquilo que de fato está previsto no plano de curso (quadro 1), tanto do ponto de vista da prática coral, vivenciada no lugar do cantor, como da perspectiva do regente coral.

## **Aplicação e desenvolvimento da proposta**

Para guiar esse percurso junto a turma trouxemos e nos orientamos por meio do que



diferenciação da métrica, propus que em cada um dos grupos existissem alunos regentes, responsáveis por indicar a mudança de cada nota (2 tempos, 3 tempos, etc.). Esse processo foi repetido onde estimulamos a alternância dos regentes assim como a alternância de métricas entre os grupos.

A atividade a seguir foi entregue (partitura) aos alunos no início da aula, nenhuma outra indicação foi feita. Propusemos aos participantes que tentassem decifrar a realização do exercício, como deveria ser feito. Como a atividade apresenta uma maneira pouco convencional para a sua notação, onde números indicam a entrada de cada voz (para seis vozes), esperava que pudessem surgir interpretações e entendimentos diversos. No entanto, houve um certo consenso, soluções foram surgindo e se conectando de tal forma que a proposta, a princípio pouco convencional, encontrou um caminho pelos vários olhares de cada aluno.

**Figura 2** - exercício 5 - *sei esercizi per la progressiva conquista dello spazio diatónico*

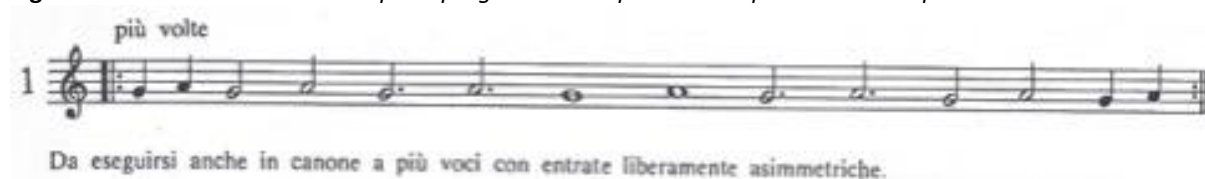
fonte: (PORENA, p. 11)

A partir do entendimento da proposta, iniciamos a leitura do material realizando todas as notas a uma única voz, proporcionando ao grupo o reconhecimento do material e tendo como objetivo a fluência mínima na execução. A cada nova leitura incluímos uma

nova voz, estabelecendo e construindo a experiência da polifonia e solidificando a execução. Os pequenos problemas de afinação que surgiram não foram empecilhos para a assimilação e performance satisfatória da proposta. Após a execução e pequeno registo em vídeo, propus aos alunos que fizessem uma breve reflexão escrita, avaliando o processo vivenciado, quais destaques poderiam evidenciar, quais dificuldades foram encontradas, que novidades ou nuances do exercício chamaram a atenção de cada um.

Em outro momento selecionei o exercício número 1 do *Interlúdio I* como opção à preparação para a atividade coral. Após a preparação corporal e despertar vocal com exercícios específicos, revisamos o exercício 5 (*a sei voci*), e então fomos para a proposta número 1, (*sei esercizi per la progressiva conquista dello spazio diatónico – per voci e strumenti*). Com entradas sucessivas e livres, dividimos o grupo em número variado experimentando possibilidades e deixando a cargo dos regentes selecionados os pontos onde deveriam acontecer as imitações e términos. A princípio percebemos que apenas um regente não estava conseguindo administrar as entradas e cortes. Passamos assim a adotar vários regentes, que inclusive é uma sugestão presente em outros exercícios da mesma obra. A turma definiu os códigos e marcações que seriam necessárias para que houvesse o devido acompanhamento dos acontecimentos. Os alunos por iniciativa própria optaram por reger com os seguintes diagramas 1, 1, 2, 2, 3, 3, 4, 4 (...), escolhendo livremente as entradas e términos das sequências. Neste dia registramos em vídeo a realização dessa proposta e a de número 5.

Figura 3 - exercício 1 – *sei esercizi per la progressiva conquista dello spazio diatónico per voce e strumenti*



fonte: (PORENA, p. 10)

## Discussão

Possibilitar que a experiência se dê em planos conectados parece ser fundamental, assim como, integrar atividades de criação, análises, escutas, propiciando desterritorializações essenciais à fundação de novos territórios.

Propiciando exercícios do pensar (BRITO, 2007, p. 156).



Após o ciclo de atividades, os alunos foram convidados a contribuir com reflexões escritas sobre o percurso percorrido e sobre as propostas do educador italiano. Recebemos por meio de formulário online algumas considerações e outras, colhidas em sala de aula durante o processo compuseram nossa amostra de dados enquanto relatos. As colocações, impressões e posturas dos alunos diante dos exercícios nos ajudaram a construir a reflexão que trazemos aqui.

A partir do olhar discente, uma interessante trama se formou, ao relacionarem a escrita musical convencional, elemento recorrente em uma escola de música, com exercícios que apresentam certo grau de abertura. Nesse processo notamos inicialmente alguma desconfiança por parte dos alunos quanto à efetividade da proposta, mas, aos poucos, tais impressões foram superadas ao considerarem os resultados e o envolvimento coletivo.

O 'Método de Partitura' que foi utilizado para execução do exercício, foi bem diferente do que eu estou acostumado a ler. Em vez de usar várias linhas para separar as partes, achou-se uma forma mais prática de leitura em apenas uma pauta. O resultado final foi muito bom, com todas as vozes cantando sua parte e afinado, porém talvez acrescentando mais elementos se a partitura ficaria poluída com tantas informações ou se seria executado da mesma forma. Como a partitura não tem compassos, fica livre o tipo de regência para usar, podendo executar em compassos binário, ternário, quaternário, etc., modificando as entradas e um bom exercício para praticar (participante 1).

Outro participante voltou a citar a questão da leitura, mas agora destacando outro viés possível dentro dessa experiência, a regência

Essa música me chamou atenção por aparentar uma certa dificuldade na leitura, porém com a explicação, se tornou interessante e fácil de cantar. Percebi que os sons emitidos por cada grupo se casavam entre si e harmonicamente ficou bonito de se ouvir. A dificuldade que achei seria em como reger as vozes (participante 2).

Outro aspecto interessante verificado na fala dos alunos, foi a questão da abertura da proposta, o quanto ela propiciava hesitação e certa insegurança na sua realização. Poderia isso ser fruto de um percurso de práticas limitadoras e que não estimulam a criação

ou experimentação

O exercício proposto foi peculiar, aplicando a mesma sequência de notas sem definir nenhum tipo de compasso ou pulso na partitura e em seis vozes cada uma fazendo seu papel? Uma proposta dessas provoca hesitação no grupo, pois além da rítmica não ser bem definida acaba por desafiar a percepção auditiva no quesito de afinação (participante 3).

Ainda na fala do mesmo aluno encontramos uma constante busca pelo pragmatismo e tecnicismo, algo que aponta para nós enquanto educadores e responsáveis pela estruturação do curso. Seria essa a primeira preocupação necessária? Estabelecer um roteiro seguro para a execução, onde a afinação e pulso devem ser mantidos a todo o custo? Entendemos que para ambas as partes, professor e aluno, esse processo de revisão da prática é válido, pois, o exercício aguça a percepção, a manutenção do pulso e a consciência do grupo coral, conteúdos cotidianos e corriqueiros dentro da atividade coral

Dependendo do grupo isso pode demorar muito ou pouco para ser executado, justamente vai do aquecimento aplicado para o mesmo, tanto físico agregando a respiração, o aquecimento dos músculos e cordas vocais, quanto o mental contemplando a consciência das notas e “pulso” que o indivíduo mais o coro executam (participante 4).

Além dos conteúdos “essenciais” uma interessante conclusão é de que o autor estimula, proporciona uma abertura, trazendo novas perspectivas para o que pode ser um exercício em música, o que pode ser essa ideia de música, nos desafiando para além do corriqueiro

Apesar de uma grande confusão que pode ser feita, o exercício cumpre o que promete, desafiando o grupo a sair um pouco dos padrões cotidianos, que podem acabar por faltar dessa consciência musical mais apurada (participante 5).

O comprometimento de todo o grupo no processo foi algo que também ficou evidente. O desafio proposto pelo exercício e por mim, ao apresentá-lo como enigma a ser decifrado, gerou empenho na busca pela realização aprimorada, afinada, na medida.

Mesmo a atividade sendo totalmente bem executada ou não, pode vir a se tornar algo a mais em sua prática diária, mas claro, não se prendendo

apenas neste exercício e sim variando sua busca de métodos parecidos. Particularmente foi desafiador na mudança de notas manter a afinação e acertar o “pulso” na variação de figuras rítmicas, mas com o passar do exercício fui reparando que isso acabou ficando mais fácil, ainda mais com o método que foi aplicado, agregando outras vozes pouco a pouco para que a polifonia tivesse mais chances de êxito. A sala então conseguiu executar a proposta num bom tempo e em minha perspectiva a polifonia soou bem, claro que com suas pequenas dissonâncias, mas isso se dava justamente por conta da sequência das notas (participante 6).

## Considerações finais

Acredito que a breve experiência realizada com estes alunos do curso técnico em regência proporcionou, não só aos alunos, mas principalmente a mim, outros olhares sobre os conteúdos tradicionais e essenciais à prática coral. A tomada de postura docente diante do plano de curso se mostrou essencial para questionarmos a didática tradicional, não sendo o principal problema o conteúdo, mas sim a abordagem do educador, a maneira com que o currículo é conduzido. Nesse sentido acredito que seria possível administrar uma leitura dos ordenamentos, por um lado necessários dentro de uma escola técnica do Centro Paula Souza, mas articulando com propostas mais ousadas e amplas, como as trazidas no *Kinder-Musik*.

O relato é para mim parte de um processo maior que se deu durante o semestre, no decorrer do qual muitas vezes percebi que ainda não tinha condições para interpretar e analisar adequadamente o conteúdo desse material amplo, ousado e desafiador. A disciplina ofereceu a mim uma possibilidade de afastamento de minha zona de conforto, me levando ao contato com um referencial e abordagem em educação musical aparentemente distante do que havia já vivido, mas que agora ao retornar à rotina de meu trabalho como educador, a interpretação e entendimento fazem que minha atuação ganhe novos rumos.

Penso que esse processo de ruptura me afastou do terreno onde estava, pude ir a outros e retornar com uma percepção modificada. Proporcionou a mim um distanciamento necessário, reflexivo e posteriormente uma retomada dos rumos de minha área de atuação.

## Referências Bibliográficas

APFELSTADT, Hilary. The how of rehearsing. *The Choral Journal*. Vol. 56, n.º 1, p. 73 - 75, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24580586> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

BRITO, Teca Alencar de. *Por uma educação musical do Pensamento: novas estratégias de comunicação*. São Paulo, 2007. 288 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2007.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2.ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 364 p.

KOELLREUTTER, H. J. O espírito criador e o ensino pré-figurativo. In: KATER, Carlos (Org.). *Educação musical: Cadernos de estudo*. Belo Horizonte: Atravez/EMUFMG/FEA/FAPEMIG, 1997 n.º 6, p. 53-59.

PORENA, B. *Kinder-musik*. Milão: Curzi Milano, 1972. 124 p.